

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.024](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.024)

HISTÓRIAS DE VIDA E CARREIRA DE PROFESSORES DO RIO GRANDE DO NORTE (1970 -2000)

ALINY DAYANY P. DE M. PRANTO

Professora doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, alinydayany@gmail.com;

JOCASTA LUANA SALDANHA DE ANDRADE

Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, jocastaluana@gmail.com ;

MARIA EDUARDA OLIVEIRA MOREIRA

Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, maria.eduarda.oliveira.085@ufrn.edu.br ;

RESUMO

A busca por compreender a história da educação recente do Rio Grande do Norte e uma preocupação permanente com a preservação das memórias docentes nos levaram à escuta de professoras e professores potiguares. Por ocasião da orientação de pesquisas Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na licenciatura de Pedagogia/UFRN, pudemos acumular análises acerca das memórias narradas por docentes. Diante disso, o objetivo deste trabalho é apresentar como as influências pré-profissionais, a formação inicial e a experiência docente possibilitaram que indivíduos com diferentes motivações e origens sociais pudessem exercer o magistério no RN ao longo das últimas décadas do século XX. Para tanto, fizemos uso da história oral de vida enquanto suporte teórico-metodológico que nos orientou desde a construção dos projetos, até a análise das narrativas resultantes das entrevistas gravadas, seguindo os preceitos, principalmente, de Meihy e Holanda (2017) e e procedimentos utilizados por Pranto (2018). Após o desenvolvimento destas pesquisas, mesmo com recortes específicos em cada uma delas, foi possível perceber que as ações e características pessoais e profissionais de cada indivíduo são inseparáveis em suas práxis cotidianas e analisá-las não nos traz apenas aspectos da ordem do individual. Do contrário, favorece compreender as múltiplas coletividades em que os narradores estão inseridos, com espaço para pensar o tempo histórico, as transformações sociais e as lutas trabalhistas, por exemplo. Para

analisar as memórias narradas oralmente, utilizamos as discussões de Nóvoa (2012), acerca do eu pessoal e profissional, além das contribuições de Tardif (2014) para pensar a multiplicidades dos saberes docentes e debates promovidos por Andrade e Almeida (2019, 2023) sobre o caráter público dessas narrativas e seu potencial formativo.

Palavras-chave: narrativas docentes, história de vida, magistério, entrevistas, história oral.

INTRODUÇÃO

O trabalho acerca das “As Histórias de vida e carreira e professores do Rio Grande do Norte (1970-2000)” se conectam por meio de duas pesquisas de TCC na licenciatura de Pedagogia/UFRN. Que foram raízes, da nossa pesquisa central, acerca da história de vida dos professores. A primeira raiz foi o trabalho: “A mulher na sala de aula: narrativas docentes e do ser professora da educação infantil” que teve como objetivo realizar uma investigação inicial, buscando identificar as conexões existentes entre o feminino e a profissão docente na educação infantil, em uma perspectiva histórica através da história oral com a narrativa das docentes atuantes na educação infantil no município de Natal/RN. A segunda raiz: “Narrativas docentes: Histórias de vida e carreira docente de professores de História” que teve como objetivo analisar, através das narrativas de história oral, as motivações que levaram professores de História a escolherem e permanecerem na carreira docente.

A partir das narrativas da História de vida de diferentes professores e professoras do RN, identificamos elementos das suas histórias de vida pública e privada que enlaçam, suas motivações e percepções de si na carreira docente. Ambas as pesquisas utilizaram a história oral de vida como metodologia central nas pesquisas. Tomando como base as histórias narradas pelos professores dialogando com os autores centrais como Meihy e Holanda (2017), Nóvoa (2013), Portelli (2016), Pranto (2018), Castro (2014), Louro (2018), Ferreira (2017) e Maioli (2004), Goodson (2013). O objetivo do trabalho é evidenciar como as influências pré-profissionais, a formação inicial e a experiência docente contribuíram para que diferentes sujeitos com distintas motivações e origens pudessem escolher e exercer o magistério no RN, nas últimas décadas do século XX.

Tornar a história de professores/as para o campo acadêmico contribui significativamente para compreendermos a história da formação docente e do ensino no RN, transformando as histórias narradas, elementos de fonte de pesquisa e investigação. A pesquisa é importante para a sociedade pois evidencia distintos momentos da história da educação do RN os modos de ensino, as gestões, tensões sociais e políticas e principalmente os caminhos que levam a constituição do ser professor ou professora. Nossa pesquisa contou com a motivação, de ambas as graduandas serem alunas do curso de Pedagogia e estarem atuando uma na rede

pública de ensino e outra na rede privada, trazendo consigo suas próprias experiências, vivências e inquietações da sala de aula.

Para realização dos encontros com professores e professoras, no período de 2021-2022, utilizamos o formato remoto através da plataforma de encontros google meet, em virtude do cenário do SARS-COV (COVID-19), estávamos em transição para encontros presenciais e muitos professores/as preferiram realizar por esse formato. Possibilitando facilidades nos aspectos de gravação e deslocamento, entretanto, limita o contato físico entre pesquisador e narrador principalmente quando surgem tópicos mais delicados nas histórias. Para os encontros utilizamos fichas de análises que nortearam as discussões mas não modelam as histórias, elas são caminhos que iniciam as conversas mas o narrador/a direcionam a história contada. Participaram das pesquisas um total de 09 docentes, que evidenciaram como a história de vida está enlaçada com sua história profissional, ambas não se separaram, estão conectadas.

A história de vida das professoras, possibilita compreender o fazer docente, as implicações pessoais, sociais, culturais e políticas através das suas memórias. Quem melhor que as próprias docentes para falar de si e do seu fazer? Como também expressar oralmente suas vivências no ambiente escolar e percepções. A escola, mesmo que faça parte da sociedade, tem sua dinâmica ainda reservada para dentro dos muros escolares. Por isso, a importância das narrativas docentes sobre si, até se “constituir” professora/or.

Partindo de duas pesquisas de TCC na licenciatura de Pedagogia/UFRN, organizamos nosso trabalho, apresentando os marcadores sociais e históricos evidenciados nos relatos dos professores e professoras ouvidos, e as relações que aproximam a construção do docente. Adiantamos, que o construir-se professor/a não se separa da vida privada seja nas escolhas, no trajeto ou no fim de um ciclo. A história oral de vida possibilita esse movimento de trazer a vivências e experiências de professores/as para o campo acadêmico de pesquisa e história da educação, não somente como fonte de pesquisa mas como inspiração e motivação para futuros docentes.

A cada lembrança narrada que foram construídas ao longo do tempo, identificamos diversos fatores que aproximam os diferentes professores e professoras como as vivências pessoais, marcadores sociais (gênero, etnia, etc) e o contexto sócio histórico e político, reafirmando a fala de Nóvoa (2013) que não podemos separar do professor o eu pessoal e profissional.

METODOLOGIA

As histórias narradas pelos professores/as entrevistados/as, são tecidas pelas memórias, lembranças e diálogos entre narradores e pesquisadores. São nas falas e pausas, que a história da vida privada e pública, se conectam com a história da educação do Rio Grande do Norte (RN). É no ouvir o outro, que buscamos registrar as proximidades e distanciamentos da realidade vivenciada por diferentes docentes no RN. O formato da narrativa, possui uma maior abertura para que as mulheres possam falar sobre suas memórias e experiências de forma aberta. Conectando as experiências privadas e abertas, para o sujeito. Portelli (2016, p. 16) observa que a história oral tem relação ao significado histórico da experiência pessoal e ao impacto dessas questões. Podendo a história invadir a vida privada, como também serem levadas para dentro da história.

A presente pesquisa aconteceu nos anos 2021-2022, durante a pandemia do vírus SARS-COV (COVID-19) diante da necessidade de distanciamento social, as entrevistas foram realizadas através da plataforma digital de web conferência Google Meet. Todas as entrevistas tiveram seu uso autorizado para a pesquisa mediante assinatura dos entrevistados em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A escolha pelo formato remoto possibilitou uma maior facilidade para gravação do material, tendo visto que a gravação é realizada em tempo real. Dessa forma, podemos colher imagem e som das entrevistas, sem deslocamento de material ou pessoal, além da sua gravação para revisão e uso durante a pesquisa. Mesmo com essas facilidades, o formato remoto possui outras limitações, o contato com as narradoras, o vínculo do pessoal, da conversa e confiança, é limitado pelas telas dos computadores. Ao narrar sua história pessoal e profissional, muitos assuntos são rememorados, o que torna necessário uma maior conexão com o pesquisador para falar.

A história de vida oral como metodologia de pesquisa, tem o sujeito (o narrador) como elemento central como fonte de pesquisa, aliada aos fatos históricos. Nesse sentido, é necessário compreender, que a história oral como metodologia não é igual às entrevistas. As narrativas envolvem o pesquisador e narrador, adotamos em nossas pesquisas, questões norteadoras. Que orientam o diálogo, mas não congelam a história a perguntas e respostas fechadas. O fio condutor das narrativas são as vivências, o rememorar a sua história de vida, no ato de compartilhar com o outro suas lembranças. Concordamos com Meihy e Barbosa (2017) a respeito que:

A história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; autorização para o uso de arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; BARBOSA, 2017, pág.15)

As pesquisas contaram com procedimentos do pré-projeto de pesquisa, critérios para seleção de professores, convite para participação das entrevistas, definição das datas e formato presencial ou remoto, autorizações de uso de dados e imagens, gravação, transcrição literal e produção de textos e compartilhamento com entrevistados. Esses movimentos, possibilitaram a realização desta pesquisa. No trabalho de TCC “A mulher na sala de aula: narrativas docentes e o ser professora da educação infantil” (ANDRADE, 2022) teve como critério de seleção ser professora atuante da rede pública de ensino. Por meio da rede de contatos, indicação de outras docentes, três professoras aceitaram participar da pesquisa e realizaram as narrativas.

Os relatos foram realizados no período de abril e maio de 2022, após as entrevistas foram feitas transcrições literais, considerando as falas pontuais da pesquisadora e narradoras, utilizando questões norteadoras para guiar as entrevistas, trazendo questões como: Quem é você? Como foi sua infância, adolescência até hoje? Como foi sua relação com a escola? Como foi que a pedagogia entrou na sua vida? Foi sua primeira opção? Como você descreveria a profissão da professora do nível infantil?. Ressaltamos que as questões são fluídas, e são as falas e memórias dos professores e professoras que direcionam a pesquisa, diferente de uma entrevista com questões fechadas.

Para a construção do trabalho “Narrativas docentes: Histórias de vida e carreira docente de professores de História” o critério de escolha dos entrevistados foi a atuação na rede básica de ensino como professores de História no estado do Rio Grande do Norte entre os anos 1970 e 2000. Utilizamos de análise de seis narrativas orais de professores de História que atuaram na rede básica durante os anos 1970-2000, essas entrevistas fazem parte do acervo digital do projeto “Caminhos do Ensino de História: o saber e o fazer docente na educação básica (1970-2000)” gravadas entre os anos de 2021 e 2022.

Ressaltando que as todas as narrativas utilizadas para a construção do estudo fazem parte do acervo digital Trajetórias docentes¹. Para o processo de análise das fontes orais, realizamos a transposição do discurso oral para o escrito orientada principalmente pelos procedimentos metodológicos definidos por Meihy e Holanda (2017) que são a transcrição literal, a textualização e a transcrição. A transcrição literal, é caracterizada pela transcrição absoluta, as palavras são postas em estado “bruto”, as perguntas e respostas são mantidas como também os erros, palavras sem peso semântico e repetições. (MEIHY E HOLANDA, 2017)

Em seguida realizamos as textualizações, nessa etapa as as perguntas feitas pelo entrevistador são retiradas assim como erros, repetições, os vícios de linguagem. Nesse momento é possível que se modifique a ordem de parágrafos assim como a concatenação de ideias sem que haja alteração do sentido original. Nessa etapa escolhemos o “tom vital” que se caracteriza por ser um trecho retirado da narrativa que representa a ideia central da entrevista, do que foi narrado. Como afirma, Meihy e Holanda (2017, p.142): “o tom vital é recurso utilizado para requalificar a entrevista segundo a sua essência”. Por fim realizamos o processo de transcrição, que se aproxima de um processo de tradução e tem como objetivo chegar o mais perto possível da essência do que o autor quis dizer.

Para análise das narrativas utilizamos a literatura na área e ficha de análise de entrevistas de História Oral construída por Pranto (2018). A ficha é composta por elementos de identificação do entrevistado e de sua trajetória docente como, por exemplo, as motivações para o início da carreira docente, suas concepções de educação, a compreensão do magistério, os fatores pessoais e profissionais que podem ter afetado a carreira docente, os ciclos de vida profissional e o balanço final do entrevistado sobre sua carreira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados são fruto de pesquisas realizadas em Trabalhos de Conclusão de Curso na licenciatura de Pedagogia/UFRN sobre as narrativas docentes de professores do estado do Rio Grande do Norte. Embora as pesquisas tenham

1 As entrevistas do projeto estão disponíveis no acervo digital “Trajetórias docentes”, disponível no canal da rede no youtube (<https://www.youtube.com/@trajetoriasdocentes5225>) e no site do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (<http://www.labhoi.uff.br/?q=arquivo-sonoro>).

sido construídas em recortes diferentes, é possível identificar que os aspectos pessoais de cada indivíduo são inseparáveis em suas práticas como professores, como afirma Nóvoa (2013, p.17), “é impossível separar o eu profissional do eu pessoal”.

Desse modo, ao nos debruçarmos sobre as narrativas docentes somos capazes de perceber que os professores/as têm muito a nos contar e assim destacamos que estes são co-autores/as das narrativas visto que como apresenta Portelli (2016), trabalhar com história oral de vida é acreditar em um processo de construção dialógica com autoridade compartilhada, essa arte de escuta na qual as fontes orais não são encontradas mas co-criadas com o pesquisador.

Nesse processo de cocriação, entrevistamos nove professores/as de História compartilharam suas histórias de vida: os professores João Valença e Nadson Gutemberg e as professoras Andreia Regina, Denise Silva, Dione Pessoa, Elisângela Lopes, Socorro Oliveira, Soraya Barbosa e Miriam. Entendemos que as narrativas dos professores/as foram construídas ao longo do tempo e sofreram influências de diversos fatores como as vivências pessoais, o contexto sócio histórico e político assim como os marcadores sociais (gênero, etnia, religião, etc). Como ressalta Goodson (2013, p.71): As experiências de vida e o ambiente sociocultural são obviamente ingredientes-chave da pessoa que somos, do nosso sentido do nosso eu.

Ressaltamos o entrelaçamento das experiências de vida com a carreira docente, assim os docentes ao falarem sobre suas experiências profissionais não podem se desvincular do contexto em que viveram, de suas histórias familiares, de sua formação como sujeitos. Como podemos perceber no relato da professora de História Dione, que os acontecimentos vividos durante o período da Ditadura militar influenciaram em sua prática docente:

No período que ensinei vivenciei experiências que refletiram na sala de aula, em consequência do regime militar no final da década 60, não em colégio regular, mas em cursinho, porque você sabe que em cursinho não sabemos quem é quem. São turmas enormes de 120 alunos, menor que eu tive eram 80 pessoas e tem gente de todo jeito. Inclusive me afastei porque fiquei doente da garganta, naquela época era giz e não tinha microfone, então sempre que você apagava você engolia aquele negócio isso anos e anos a fio. Falo alto, acho que é de família e depois que fui ensinar naquele cursinho, foi pior, então teve uns dois ou três problemas comigo no cursinho que foi assim, acho que alguém que deu parte, porque naquela época o professor de História era muito visado, fui chamada na Polícia Federal e também no quartel general (FERREIRA, 2021).

O contexto a que a professora faz referência é o regime militar (1964-1985), esse período de ditadura tem início em um golpe de estado em abril de 1964 e vai até março de 1985. Nesse período “controlando com mão de ferro, pelo exercício do poder político, o conjunto da sociedade brasileira ao longo de duas décadas, o regime militar deixou um oneroso legado cujos efeitos continuam afetando a situação social do país nos dias de hoje” (SAVIANI, 2008, p.294). No relato da professora Dione, ficou evidente como o marcador histórico refletiu na sua prática em sala de aula, principalmente por lecionar História, o que podia ser dito ou não. Nas próprias lembranças de Dione ela comenta que: *“era uma coisa assim que, Deus me livre que aquilo volte, por que você não tinha liberdade de expressão.”*

Também sobre a influência do contexto histórico sobre suas práticas, identificamos que os professores acabaram criando alternativas para preservarem a sua autonomia e não seguirem somente o que foi imposto. Podemos exemplificar com o relato do professor João Valença, a respeito de como lecionou a disciplina Moral e Cívica (já no período democrático):

Então, a cada bimestre eu começava privilegiando um daqueles conteúdos que estavam lá no programa de educação moral e cívica. Então, no primeiro bimestre eu trabalhava a formação da personalidade, o caráter, aquela coisa toda. No segundo, os símbolos nacionais. No terceiro, a organização do Estado do Brasil, se bem que isso era mais o OSPB, mas já se introduzia alguma coisa na educação moral e cívica. Mas isso era só na primeira aula do bimestre. Como nós tínhamos, no bimestre, em média, oito encontros, uma aula por semana, se bem que nunca chegava a ser oito, porque tinha feriado e um dia que era para avaliação. Então, nos encontros restantes, era quando eu colocava em prática uma atividade mais dialógica com as turmas (ANDRADE, 2021).

Os marcadores sociais exerceram grande influência na vida dos professores, no caso das professoras mulheres podemos perceber que o marcador de gênero aparece veementemente visto que aspectos como maternidade e relacionamento conjugal e influenciaram em suas carreiras significativamente, ressaltamos que o mesmo não acontece nas carreiras de professores homens Podemos ilustrar essa influência com a narrativa da professora Dione:

O desgaste é muito grande, porque nós que somos mulheres temos uma dupla jornada, não só no cursinho ou no colégio que trabalhamos, chegamos em casa tem dever, sempre bati pesado com esse negócio com

meus filhos para estudarem, porque se batia lá fora com meus alunos, porque que não na minha casa? Assim, era difícil e a gente ganhava pior do que se ganha hoje, era muito pouco, então quase todos meus amigos trabalhavam no Município e no Estado, geralmente eram esses dois, ou no Estado e no cursinho, em um colégio particular (FERREIRA, 2021).

Devemos considerar que historicamente a educação feminina possui uma trajetória de e subjugação do papel da mulher na sociedade. Nesse sentido, a mulher, vista por muitos como aquela que tem como papel apenas cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos, precisou que fossem mobilizadas intensas lutas em busca de direitos sociais. Entendendo que:

Várias amarras à educação formal e pública das mulheres foram sendo rompidas no transcórre desse acidentado percurso: a segregação sexual das escolas, interditando a educação mista; o ideário de que a educação de meninas e moças deveria ser mais restrita que a de meninos e rapazes em decorrência de sua saúde frágil, sua inteligência limitada e voltada para sua “missão” de mãe; o impedimento à continuidade dos estudos secundário e superior para jovens brasileiras (ROSEMBERG, 2020, p.334).

No relato da professora Elisângela Lopes, observamos dois marcadores centrais que a guiaram para o magistério: a geográfica, a falta de opção na região em que morava e a questão do gênero. A cidade onde nasceu e cresceu, São Paulo do Potengi - RN, não contava com faculdade, dificultando o acesso a sonhar com outras oportunidades de carreira/profissão. A carreira docente surge como uma necessidade. Podemos observar no seu relato alguns desses elementos:

Eu faria Jocasta, no sentido de, assim, como disse a você casei muito nova, tive filho muito nova, então, isso, de uma certa forma impede, no meu caso, não vou dizer que são todas, porque cada um tem um modo de viver, no meu caso impede de você ter um tempo maior de dedicação ao estudo certo? Porque tem todo um processo: marido, filho, casa, tudo isso. Então, assim, fiquei um tempo casada, durante 11 anos casada, depois me separei. Quando me separei, realmente tive tempo para estudar, eu realmente me dediquei, foi quando passei no concurso em Natal. Por quê? Porque me preparei, estudei, está entendendo. É assim, acho que a gente, se pudesse mudar alguma coisa, assim, não sei se é mudar, porque casei de novo, e vem todo esse processo de novo, de você não ter mais aquele tempo, aquela dedicação, aquilo que você realmente precisa. (LOPES, 2022)

Lopes (2022), em outra parte da entrevista destaque que para suas colegas de classe na época, terminar o ensino médio já era muito significativo. Compreendemos que o acesso à educação não era com possibilidades para as mulheres, sendo o ensino médio o marco para profissionalização técnica ou seguir pelo matrimônio. Ao final da entrevista ela mesma conclui que o magistério não foi uma escolha, mas uma necessidade de trabalho e sobrevivência. E esse recorte de sua vida, faz parte da história de muitas outras professoras, nesse sentido Bueno et. al. destaca:

Além disto, é preciso considerar que os cursos de magistério de 2º grau têm uma clientela eminentemente feminina, com um corpo docente constituído, também em sua maioria, por mulheres. É, portanto, um espaço essencialmente feminino, no qual ocorrem e se entrecruzam valores, práticas e comportamentos inscritos no universo feminino. Daí entendermos que seja necessário enfatizar a importância de se considerar a categoria gênero (além das categorias de raça/etnia e classe), nos relatos autobiográficos. (BUENO ET. AL., 1993, pág. 312)

Seguindo esse marcador, percebemos também na fala da professora Soraya Barbosa que durante seu relato lembrou da infância que vivenciou de comparações com seu irmão, essa comparação é um elemento significativo na sua trajetória, pois refletiu na sua autoestima em acreditar em si mesma. Enquanto seu irmão era muito bom em materiais de cálculos, ela tinha muita dificuldade. Esse recorte de sua história a guiou para o magistério. Em um trecho de sua fala Barbosa (2022) diz: *"sempre tive muita dificuldade em física, matemática, horrível nunca gostei e ele amava, então assim era ele 10 e eu 6. Isso baixou minha autoestima, muito, não me achava capaz, saí da escola e fui fazer magistério que daria certo."*

Em outro momento, Barbosa (2022) destaca que *"meu irmão entrou na faculdade e eu saí da maternidade, imagine."* Nesse pequeno trecho, ficou visível seu desconforto com esse momento da sua trajetória, ela ansiava por mais, por ter as mesmas possibilidades que seu irmão. Evidenciando, os papéis sociais que esperava-se do homem e da mulher. Enquanto ele trilhou um caminho sem desvios, ela pausou sua carreira ao final do magistério, para se dedicar a sua família. Outro elemento de sua carreira profissional, é que Soraya teve outra pausa na sua carreira, estava desestimulada na área da educação e resolveu fazer o curso de técnico de enfermagem. Destacamos, a conexão entre as duas carreiras, enfermagem e o curso de magistério, que historicamente foram profissões vistas como adequadas ao feminino, já que ambas estão voltadas ao cuidado. Em uma trecho de suas falas

Barbosa (2022) explica a sua visão da ideia do magistério ser voltada para o cuidado da criança pequena: *“Qual a dificuldade de você dar banho em uma criança, você não é menor por isso, pode me chamar de babá, problema de quem me chamar, eu sei do meu, da minha importância na sala de aula”*. Em relação a identidade da mulher nas escolas Ferreira (2017) diz:

Neste sentido, foi encontrada a identificação da profissão com a maternidade como se o fato de ser mãe já favorecesse “naturalmente” o desempenho da atividade. A escola é tomada como continuidade do “lar”, onde a professora vai exercer de fato o papel de maternagem, utilizando-se de sua autoridade e do seu carinho, para desempenhar suas funções. (FERREIRA, 2017, pág. 56)

Para as professoras que atuaram na educação infantil, evidencia-se em suas falas como observamos nos relatos acima, a presença marcante feminina nesse nível de educação e as visões sobre o papel da mulher nessas instituições. O magistério para muitas foi tido como oportunidade de independência. Consideramos em nossa pesquisa, evidenciar os marcadores que foram e estão presentes na construção de professores e professoras, quando evidenciamos a feminização da docência não compreendemos como um elemento negativo, ele faz parte da construção histórica e social. Trazer um olhar crítico sobre o que constitui socialmente a professora seja de História ou da educação infantil, para buscarmos uma maior valorização da carreira docente nesta etapa da educação.

Na história de vida da professora Denise que tinha outro contexto histórico, social e familiar, ela possuía a escolha profissional de forma mais acessível, entretanto em seu caminho figuras masculinas guiaram sua trajetória. Em um momento do relato, Silva (2022) relata a influência do pai na escolha pelo curso superior: *“ele disse minha filha carreira de medicina é muito pesada, você é mulher, você vai ter filhos, vai casar, isso é tão complicado, porque você não faz outra coisa, enfim, ele foi a pessoa que menos me incentivou”*. Mesmo ela tendo a oportunidade de escolha, diferente de Elisângela, suas opções foram direcionadas para seu futuro no núcleo familiar. Deixemos claro, que não buscamos posicionamentos certos ou errados. Mas buscamos evidenciar, como o torna-se professora, no caso, carrega um legado histórico de feminização da docência, como explica Castro (2014):

No que perpassa a história profissional das mulheres, o magistério foi uma das primeiras profissões a ser conquistada pelas mulheres, uma vez que somente décadas depois elas conseguiram acessar outros

setores do mercado de trabalho. Mesmo diante das diferentes ofertas, as mulheres permaneceram e, ainda hoje, predominam no magistério das séries iniciais. Por mais paradoxal que essa situação possa parecer, algumas mulheres que permanecem no magistério realmente gostam do que fazem e resistem às mazelas na educação com saídas criativas. (CASTRO, 2014, p. 59 -60)

Concordamos com Castro, quando destaca que mesmo o magistério muitas vezes não sendo uma escolha, mas oportunidade às mulheres que ingressaram na profissão, gostam do que fazem, e isso ficou claro em ambas as pesquisas. As trajetórias das professoras e professoras se distanciam nesse marcador. E se aproximam, na inspiração de outros mestres na trajetória escolar, do contexto familiar com professores de história ou da educação infantil, da vivência no período do Regime Militar no Brasil, com as limitações de expressão nas aulas de História. São nos relatos, que conseguimos extrair esses dados, que evidenciam a formação do docente no RN.

Além do contexto e marcadores sociais identificamos que as carreiras dos profissionais da docência foram influenciadas também pelas suas experiências escolares que se constituem em experiências vividas no contexto escolar e a influência de professores que marcaram suas trajetórias e escolhas profissionais (GOODSON, 2013, p. 72). Relatam muitas vezes que, *"foi esta pessoa que pela primeira vez, me fez aderir ao ensino"*, *"estava sentado na sala de aula, quando, pela primeira vez, decidi ser professor"*. Como também podemos ilustrar com o relato da professora Andreia Regina, que narrou a influência de uma professora no incentivo à prática da escrita :

[...] porque a professora fez toda essa mudança em mim, ela não exigia isso como uma parte da disciplina dela, era opcional, dizia " olha quem quiser me trazer um texto, quem quiser ter um caderno de texto...", era como se chamava redação, faça a redação que eu corrijo. Eu me candidatei e comecei na quinta série a escrever minhas primeiras redações, levava para corrigir e ela dava o feedback e eu não parei mais (MENDES, 2021).

É no constituir-se professor/a, e inspirar novos professores/as que ciclo de vida desses mestres se constituem. Nos relatos, passaram pela trajetória educacionais mestres que inspiraram os docentes entrevistados, que guiaram seus alunos,

para a carreira no ensino. No relato da professora Miriam Silva ela exemplifica esse marcador do professor como inspiração. Silva (2021) comenta que:

Eu tinha um professor no terceiro ano que também me fez entender que eu tinha condições de compreender a história, e principalmente de me inserir nesse contexto, e ter um pensamento crítico, e tudo isso na década de 70, em plena ditadura, não foi fácil. Era um contexto nada agradável. E resolvi fazer História no terceiro ano. (SILVA, 2021)

A experiência de Silva (2021) representa a trajetória de muitos professores/as que constituíram-se na docência, mesmo com caminhos distintos, pausas, recomeços, facetas do destino, dificuldades do núcleo familiar ou financeiro, todos os professores e professoras que compartilharam suas histórias nessa pesquisas, chegaram ao caminho da docência, com aproximações e distanciamentos buscando não apenas sonhos mas a construção de si e do outro. Em muitos relatos, o desejo por aprender mais, era evidente, frases como *“Você não entende. Não é pelo dinheiro, eu estou construindo uma profissão”*, *“Eu, realmente, gostaria de ter feito tudo! Gostaria de ter feito mais cursos, que o meu estilo de vida não permitiu. Eu gostaria de ter estudado mais, sim”* foram presentes e marcantes na vida de muitos professores/as, mas principalmente professoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vida dos professores nos falam e nos ensinam. A cada narrativa tocamos em memórias que contam também um pouco da história da educação do Rio Grande do Norte. Nesse sentido, nesse processo de co-criação com os narradores entendemos que mais do que falar sobre a docência é necessário ouvir os professores/as e amplificar suas vozes.

Reiteramos que as histórias de vida e tudo que as perpassa não podem se separar do ser profissional. Assim, tudo que os professores/as fazem em sala, suas escolhas e práticas são atravessadas pelos marcos da sua educação, vivências familiares, pelo contexto social, histórico e político também como pelos marcadores sociais, aqui destacamos o marcador de gênero, que marca profundamente a narrativa das professoras mulheres. Dessa forma, entendemos que “[...] estilo de vida do professor dentro e fora da escola, as suas identidades e culturas ocultas

tem o impacto sobre os modelos de ensino e sobre a prática educativa” (GOODSON, 2013, p. 72).

O estudo das trajetórias de professores/as têm uma contribuição significativa para a investigação educacional visto que esse processo abre possibilidades formativas para os próprios professores, tanto na formação inicial quanto de forma continuada como para própria sociedade que ao tocar nessas memórias socializadas tocam em fontes de grandes aprendizados. Também contribui para a valorização do professor/a enquanto sujeito autônomo e protagonista.

As narrativas docentes da pesquisa evidenciaram que o fazer docente perpassa distintos elementos sociais, políticos, culturais, econômicos, familiares, educacionais e de gênero que refletem nas escolhas traçadas pelos docentes, foi evidenciado na pesquisa que para grande maioria das mulheres o caminho para docência vinha da falta de outras opções inicialmente, enquanto para os homens eram escolhas com uma trajetória bem mais retilínea, sem pausas, enquanto as mulheres tinham pausas e recomeços.

A pesquisa evidenciou a importância do papel social do professor, foram nos relatos no Regime Militar que observamos como o ato de ensinar, em destaque para a História, reflete no fazer pedagógico dentro da sala de aula, no controle social e educacional, como refletiu nesse período no Brasil e na pesquisa no RN. Trazendo à tona as dificuldades do docente de História em desenvolver a sua disciplina com um senso crítico e dos fatos, são pensamentos da pesquisa, que possibilitam novas reflexões e pesquisas.

A História Oral possibilita ouvir as histórias de vida do outro, é no ato de ouvir, nas pesquisas e no pensamento crítico que fazendo descobertas, nos aproximamos dos narradores, compartilhando a vivência do ser e torna-se professor/a, personagem que percorre o tempo e acompanha grande parte da trajetória de vida de muitas pessoas.

O formato da história de vida oral na pesquisa, enriqueceu o processo de compreender a carreira dos professores/as, nos próprios relatos os docentes realizam reflexões sobre si e sua carreira, no decorrer da sua trajetória de vida (pessoal, educacional, profissional). O ato de tornar-se autores da própria história.

No papel de ouvinte, enquanto pesquisadoras e professoras, pudemos mergulhar nas experiências dos professores e professoras, se identificando em muitos momentos com seus anseios, desejos e receios, possuindo uma conexão de compreensão do contexto educacional e da vida do professor/a. A pesquisa evidenciou

distintos marcadores sociais, culturais, familiares, econômicos de gênero, mas também deixou sua contribuição e inspiração para outros futuros professores.

Ao analisarmos as narrativas orais fomos percebendo que para além dos aspectos que destacamos neste trabalho ainda há muito sobre o que refletir acerca dessas narrativas visto que há muitas possibilidades de recortes para estudos futuros para que sejam aprofundados outros aspectos, em busca de compreender a constituição do ser professor/a, para isso é preciso ouvir e conhecer a trajetória pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Jocasta Luana Saldanha de. **A mulher na sala de aula: narrativas docentes e questões do ser professora da educação infantil.** 2022. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

BUENO, B. O.; SOUSA, C. P. de; CATANI, D. B.; SOUZA, M. C. C. de. Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, [S. l.], v. 4, n. 1-2, p. 299-318, 1993. DOI: 10.1590/S1678-51771993000100014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34482>. Acesso em: 10 dez. 2023.

CASTRO, Fernanda Francielle de. **O GIZ COR-DE-ROSA E AS QUESTÕES DE GÊNERO: OS DESAFIOS DE PROFESSORES FRENTE À FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO.** 2014. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1045>. Acesso em: 15 fev. 2022.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A MULHER E O MAGISTÉRIO: RAZÕES DA SUPREMACIA FEMININA (A PROFISSÃO DOCENTE EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA). **Tópicos Educacionais**, [S.l.], v. 16, n. 1-3, abr. 2017. ISSN 2448-0215. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/22455>. Acesso em: 03 out. 2021.

GOODSON, Ivor F. Dar voz ao professor: as histórias e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. In: NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores**. 2ª Portugal: Porto Editora, 2013, p. 63-78.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

MEIHY, José C. S. B. HOLANDA, Fabíola. **História oral, como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2017.

MOREIRA, Maria Eduarda Oliveira. **Narrativas docentes**: histórias de vida e carreira docente de professores de história. 2022. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

NÓVOA, A.(org.). Os professores e a história de sua vida . Lisboa: In: NÓVOA, A.(org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2ª edição, 2013, p. 11-30.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PRANTO, Aliny D. P. M. Os acampamentos da campanha “De pé no chão também se aprende a ler” e as relações dialógicas com a comunidade local. Tese (Doutorado em Educação) – UFRN, Natal, 2018.

ENTREVISTAS

ANDRADE, João M. V. [60 anos]. [março 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 16 março 2021.

BATISTA, Maria, S.S. [55 anos]. [novembro 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 26 novembro 2021.

CAMPOS, Soraya. [idade]. [maio 2022]. Entrevistadora: Jocasta Andrade. Natal, RN, 2022.

FERREIRA, Dione P. [73 anos]. [abril 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 13 abril 2021.

LOPES, Elisângela. [idade]. [maio 2022]. Entrevistadora: Jocasta Andrade. Natal, RN, 2022.

MENDES, Andreia R.M . [44 anos]. [abril 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 12 abril 2021

ROSEMBERG, Fúlvia. **Mulheres Educadas e a educação de mulheres**. In: Nova História das mulheres, PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. São Paulo: Contexto, 2020.

SANTOS, Nadson, G.S. [idade]. [setembro 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 22 setembro 2021.

SILVA, Denise. [idade]. [abril 2022]. Entrevistadora: Jocasta Andrade. Natal, RN, 2022.

SILVA, Miriam, S.O. [63 anos]. [março 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 17 março 2021.